



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACC
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

André Lemos Cabral

117260727

**OPINIÃO DE RESIDENTES E TURISTAS A RESPEITO DOS POSSÍVEIS
BENEFÍCIOS DA DESPOLUIÇÃO DA BAÍA DE GUANABARA PARA O TURISMO,
UM ESTUDO ACERCA DO PILAR ECONÔMICO DA TEORIA DE
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Orientador: Renato Nunes Bittencourt

Rio de Janeiro

2023

André Lemos Cabral

**OPINIÃO DE RESIDENTES E TURISTAS A RESPEITO DOS POSSÍVEIS
BENEFÍCIOS DA DESPOLUIÇÃO DA BAÍA DE GUANABARA PARA O TURISMO,
UM ESTUDO ACERCA DO PILAR ECONÔMICO DA TEORIA DE
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Administração.

Orientador(a): Renato Nunes Bittencourt

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu pai, por conta do apoio incondicional que me ofereceram durante o meu período no Rio de Janeiro, e aos professores Marcelo Almeida e Renato Bittencourt, por me orientarem no projeto de monografia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Passado e presente da baía em números	18
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Residente ou turista?	19
Gráfico 2 – Região dos residentes	20
Gráfico 3 – Cidade dos turistas	20

ANEXO

Anexo I - Questionário

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Desenvolvimento Sustentável	12
2.1.1 Críticas ao Modelo	13
2.2 Turismo e Desenvolvimento Sustentável	14
3 METODOLOGIA	16
3.1 Método, classificação e estratégia de pesquisa	16
3.2 Instrumento de coleta de dados	16
3.3 Método de análise dos resultados	16
4 RESULTADOS	18
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
REFERÊNCIAS	22
ANEXO	25

1 INTRODUÇÃO

A baía de Guanabara é considerada uma das mais abrigadas do mundo, devido ao espaço estreito de sua barra com 1.600 metros (MULTIRIO, 2021). De acordo com o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, a sua geografia deu origem ao nome “Rio de Janeiro”, pois em janeiro de 1502, margeando o litoral atlântico, os portugueses ultrapassaram a boca estreita da baía de Guanabara, nomeando o local como Rio de Janeiro, talvez por entenderem existir ali a foz de um rio (MULTIRIO, 2021). Segundo reportagem da revista Super Interessante (2017), o nome da baía já existia antes da chegada da expedição portuguesa, batizada pelos índios Tamoios de Guanabara, que significa seio do mar, evidenciando novamente a facilidade de distinção geográfica da baía de Guanabara para as águas abertas do oceano.

Cenário marcante da paisagem do Rio de Janeiro, com 53 praias, a Baía de Guanabara é cercada pelos municípios do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Magé, Guapimirim, Itaboraí, São Gonçalo e Niterói. Sua Bacia Hidrográfica compreende ainda Belford Roxo, Mesquita, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu, Tanguá, Maricá, Rio Bonito, Cachoeiras de Macacu e Petrópolis (CEDAE, 2022). Com uma área aproximada de 400 quilômetros quadrados e profundidade que vai além dos 40 metros, é uma das maiores baías do litoral brasileiro e comporta o segundo porto mais importante do país (MULTIRIO, 2021). Seu ecossistema tem espécies de vegetação nativas da mata atlântica, matas paludosas, brejos e manguezais, com 242 espécies de aves identificadas, 167 de peixes, 34 de répteis e 32 de mamíferos. Os destaques da biodiversidade aquática são golfinhos, tartarugas-marinhas, bagres, robalos, paratis, sardinhas e tainhas (CEDAE, 2022).

A baía de Guanabara tem grande importância na história do Brasil, como ponto fundamental para a movimentação da economia carioca, sendo até hoje o principal acesso à cidade do Rio de Janeiro (MULTIRIO, 2021). A baía de Guanabara teve papel fundamental na decisão de transferência da capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763, com o objetivo de tornar o seu porto o principal canal de exportação para Portugal de ouro e pedras preciosas extraídas, principalmente, de Minas Gerais (ANDRADE, 2021 apud FAUSTO, 2004). Com a chegada da família real portuguesa em 1808, a cidade do Rio de Janeiro passou por intensas transformações, como a criação do Banco do Brasil, Biblioteca Nacional, Academia de Belas Artes e o Jardim Botânico, por exemplo; todas essas mudanças possibilitadas pela Abertura dos Portos (ANDRADE, 2021 apud SCHWARCZ; STARLING, 2015). A Abertura dos Portos em 1808 foi um tratado econômico assinado entre Portugal e Inglaterra no contexto das Guerras Napoleônicas, que se caracterizou pela possibilidade das

colônias portuguesas na América estabelecerem relações comerciais com outras nações europeias. Esse tratado pôs fim à exclusividade portuguesa de ser a única nação europeia a manter relações comerciais com o Brasil. Tal exclusividade econômica se constituía como a base da condição de colônia do Brasil. Alguns estudiosos consideram que a Abertura dos Portos foi o primeiro passo do processo de Independência do Brasil em 1822 (RICUPERO; OLIVEIRA, 2007). Conseqüentemente, através do seu porto, a baía de Guanabara foi muito importante para esse período em que houve aumento considerável de transações econômicas (ANDRADE, 2021 apud SCHWARCZ; STARLING, 2015).

Em 1960, a capital do Brasil passando a ser Brasília, a cidade do Rio de Janeiro deixa de ser o Distrito Federal e a baía de Guanabara empresta o seu nome para criação da cidade-estado da Guanabara. O estado do Rio de Janeiro seguiu como estado, permanecendo com a cidade de Niterói como sua capital (LUCENA, 2016). Em 4 de Março de 1974, é inaugurada sob as águas da baía de Guanabara a ponte Rio-Niterói, sendo para muitos jornalistas da época um sinal claro da fusão que estava por vir entre o estado da Guanabara e o estado do Rio de Janeiro. Em 1975, a fusão é decretada e a cidade do Rio de Janeiro passa a integrar o Estado do Rio de Janeiro, passando a exercer a função de capital do estado, substituindo a cidade de Niterói (MULTIRIO, 2020).

De acordo com a breve história da baía de Guanabara trazida, nota-se que a cidade do Rio de Janeiro é privilegiada pela sua composição hídrica. A sua hidrografia permitiu e ainda permite o desenvolvimento da cidade. No entanto, a situação que a baía de Guanabara se encontra hoje em dia evidencia que o desenvolvimento atingido não foi um desenvolvimento sustentável.

A definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro (NOSSO FUTURO COMUM, 1987).

O desenvolvimento sustentável trata-se da tríade formada com as dimensões ambiental, econômica e social, inerentemente interdependentes e, por isso, acontecendo concomitantemente (ELKINGTON, 1994).

De acordo com o portal educacional MultiRio (2021) de domínio do governo do estado do Rio de Janeiro, com o crescimento de outros centros urbanos no entorno da baía de Guanabara, o traçado original aos poucos foi sendo alterado. A ocupação irregular, os aterros e, principalmente, a poluição contribuíram para a alteração do desenho natural.

Seixas Filho et al (2020) traz à tona um estudo sobre a atual situação da baía de Guanabara. Os autores afirmam que o entorno da baía aglomera, aproximadamente, 70% das indústrias do estado do Rio de Janeiro. O despejo dos resíduos industriais, da carga de esgoto doméstico e o desmatamento das áreas verdes do ecossistema da baía de Guanabara são os fatores responsáveis pela poluição da baía de Guanabara. De acordo com o estudo, por dia, são despejadas cerca de 90 toneladas de lixo e esgoto, ação que traz ameaças severas ao ecossistema ali presente. Dados da CEDAE (2014), indicam, ainda, que aproximadamente 50% da população que vive no entorno da Baía, não conta com tratamento apropriado de esgoto doméstico.

No entanto, ainda hoje, o ecossistema da baía de Guanabara sobrevive e resiste ao impacto dos desordenados processos de ocupação e degradação. No documentário Baía Urbana (2017), o biólogo e cineasta Ricardo Gomes mostra ao público que a baía de Guanabara não está “morta”. De acordo com as imagens do cineasta, a beleza da natureza ainda pulsa nas suas águas.

A degradação ambiental da baía de Guanabara é um indício da falta de políticas públicas efetivas para a proteção da natureza na cidade do Rio de Janeiro. Os maus tratos ao meio ambiente por décadas de descaso com a baía geraram impactos na saúde, transporte e turismo, acarretando prejuízos sociais e financeiros para a população, como por exemplo, os gastos com a saturação do sistema de saúde, que se desdobra para tratar doenças causadas pela exposição ao esgoto, falta de saneamento básico e procedência do alimento de vida aquática, principalmente os da pesca artesanal local (SEIXAS FILHO et al, 2020). De acordo com a ONG Baía Viva (2018), o estado do Rio de Janeiro chega a perder, por ano, R\$ 50 bilhões por não cuidar com responsabilidade do meio ambiente da região. O número, segundo a ONG, foi calculado com base em estudos da Fiocruz e do Clube de Engenharia. Os fatores que compõe essa conta são: o não aproveitamento do potencial turístico da baía de Guanabara e os gastos da sobrecarga no sistema de saúde mencionados acima.

Nesse sentido, o presente trabalho buscará as opiniões de residentes e turistas a respeito dos possíveis benefícios da despoluição da baía de Guanabara para o turismo, embasado pelo pilar econômico da teoria de desenvolvimento sustentável.

O artigo “Elaboração e análise de indicadores sociais para o apoio à tomada de decisão no processo de despoluição da Baía de Guanabara” (GUIMARÃES; BAHIENSE; INFANTE; ZAMBERLAN, 2019) busca o melhor direcionamento de ações de despoluição para resultados mais efetivos no pilar social, já o presente trabalho busca o melhor direcionamento de ações de despoluição para resultados mais efetivos no pilar econômico,

almejando preencher essa lacuna teórica. Supõe-se que a análise dos possíveis negócios limitados pela poluição seja relevante para construção do programa de despoluição.

Outro ponto que justifica a pesquisa é o inconformismo do pesquisador com o fato das praias da Enseada de Botafogo e do Aterro do Flamengo não serem próprias para banho. No passado recente, essas praias e muitas outras banhadas pela baía de Guanabara eram muito frequentadas por banhistas, nadadores e remadores, sendo consideradas paraísos que ficaram no passado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para embasar cientificamente a pesquisa, essa seção foi feita a partir de estudos realizados nos portais Scielo e Google Acadêmico. Os artigos científicos foram encontrados a partir das palavras-chave “despoluição”, “baía de Guanabara”, “desenvolvimento sustentável” e “turismo”. De forma adicional, foram utilizadas reportagens e conteúdos jornalísticos.

2.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Na visão da literatura, a definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das gerações futuras. Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental. A partir dessa comissão foi escrito o documento intitulado *Nosso Futuro Comum* (1987), também conhecido como Relatório de Brundtland, por ter sido coordenado pela então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland.

O relatório indicou que a pobreza dos países emergentes e o consumismo desenfreado dos países ricos eram as principais causas que impediam um desenvolvimento igualitário no mundo e, com isso, produziam graves crises ambientais. O relatório de Brundtland trouxe dados sobre o aquecimento global, as chuvas ácidas e a destruição da camada de ozônio, temáticas novas para o momento de seu lançamento. Até então, pensar sobre a limitação dos recursos naturais e o impacto corporativo no meio ambiente era pouco recorrente. (AVILA, 2021).

Esse pontapé inicial fez com que cada vez mais pessoas se voltassem para discussões relacionadas à temática sustentável. Com isso, em 1994, John Elkington criou o conceito do Triple Bottom Line ou Tripé da Sustentabilidade.

Em inglês, bottom line se traduz como linha de fundo, mas o que esse termo indica mesmo é a última linha do resultado financeiro de uma empresa (AVILA, 2021).

O conceito do Triple Bottom Line (Tripé da Sustentabilidade) ganhou força por propor uma visão diferente, mais abrangente, onde o resultado deixaria de ser analisado por uma única variável e passaria a ter um peso similar para a visão ecológica e social nas empresas (AVILA, 2021).

Dessa forma, o desenvolvimento sustentável baseia-se na tríade formada com as dimensões ambiental, econômica e social, inerentemente interdependentes e, por isso, acontecendo concomitantemente (ELKINGTON, 1994):

A dimensão ambiental diz respeito aos aspectos concretos das limitações dos recursos naturais do planeta Terra. As atividades humanas sempre estiveram subordinadas aos fenômenos naturais e às capacidades do planeta.

A dimensão econômica diz respeito ao modelo em que o crescimento econômico acontece de maneira ética e justa, mantendo-se a harmonia com as outras dimensões. Ou seja, garantindo a satisfação das necessidades humanas, as boas condições sociais dos agrupamentos de pessoas (equidade e coesão social) e a resiliência dos recursos naturais.

A dimensão social trata das questões relacionadas à satisfação das necessidades básicas das pessoas, a valorização das culturas locais, a melhoria do bem-estar atual e futuro, o aumento da qualidade de vida pela redução da iniquidade social no geral. Ou seja, a dimensão social da sustentabilidade orienta-se para a construção de uma sociedade humana sustentável. Uma sociedade que é justa, inclusiva e democrática.

Muitos artigos (e há muito tempo) são escritos a respeito da dimensão ambiental da poluição da baía de Guanabara. Como por exemplo, “Poluição das Águas Marítimas. Estragos na Flora e Fauna do Rio de Janeiro” de Lejeune de Oliveira, publicado em 1958. O artigo compara a situação da fauna e flora de praias banhadas pela baía de Guanabara antes e depois do início da poluição.

O artigo “Elaboração e análise de indicadores sociais para o apoio à tomada de decisão no processo de despoluição da Baía de Guanabara” (GUIMARÃES; BAHIENSE; INFANTE; ZAMBERLAN, 2019) busca o melhor direcionamento de ações de despoluição para resultados mais efetivos no pilar social. Dessa forma, busca preencher a lacuna da inclusão da dimensão social nos processos de decisão em despoluição ambiental. Acredita-se que a análise das condições de vida das populações impactadas pela poluição seja primordial para tornar a tomada de decisão sobre a despoluição mais robusta com relação a seus benefícios à sociedade e ao meio ambiente, além de aprofundar a discussão em torno do problema ao colocar na mesa a conjuntura social.

2.1.1 Críticas ao Modelo

Apesar de o discurso da sustentabilidade ser bastante aceito e difundido pelo mundo, ele não é uma unanimidade. Alguns críticos colocam-se de forma cética aos princípios.

Pode-se enumerar três principais críticas: a de que a sustentabilidade é desnecessária (DIAS, 2010); a de que ela é impossível (WATTS, 2009) e a de que está seguindo um caminho errado (BOFF, 2011).

A primeira contestação à sustentabilidade argumenta que o discurso é uma abordagem alarmista e sem fundamento. Primeiramente, porque os efeitos climáticos em reação à ação humana não seriam tão catastróficos quanto se diz. Em segundo lugar, acredita-se que as leis de mercado, por si só, regulariam o uso e a disponibilidade dos recursos naturais, à medida que eles diminuíssem, os seus preços se elevariam e o consumo diminuiria, estimulando ações tecnológicas alternativas (DIAS, 2010).

A segunda contestação refere-se à impossibilidade da aplicação do modelo sustentável. Essa crítica defende a ideia de inoperância da Triple Botton Line, enfatizando a impossibilidade da sua implementação. Para a crítica, o que é economicamente viável dificilmente vai conseguir ser ambientalmente correto na sociedade capitalista. Nesse sentido, os países que adotarem um modelo de desenvolvimento sustentável cairiam em ciclos de recessão e crises econômicas (WATTS, 2009).

A terceira contestação afirma que seria necessária uma total reformulação do modelo de desenvolvimento sustentável. Essa linha de argumentação afirma que o discurso é contraditório, porque estimula o aumento do consumo, elevando ainda mais os problemas que o modelo deseja combater. Acredita-se que na verdade somente há ações publicitárias ambientalmente corretas que funcionam apenas como marketing (BOFF, 2011).

2.2 TURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O turismo pode ser considerado uma atividade transformadora do espaço. Pode-se aproveitar os bens da natureza sem esgotá-los; emprega grande quantidade de mão de obra; exige alto investimento; gera rendas individuais e empresariais; origina receitas para os cofres públicos; valoriza imóveis; impulsiona a construção civil etc. (BARBOSA, 2005).

A análise do fenômeno turístico deve levar em conta o interesse dos turistas e o interesse do local que recebe os turistas. Os turistas procuram regiões que oferecem atividades que ocupem seu tempo livre e que atendam seus interesses. O local visa atraí-los para ocupar o tempo livre por meio de atrações que já tem ou que podem ser criadas. O relacionamento entre as partes produz resultados que levam o local visitado ao desenvolvimento econômico. Nesse ponto que o turismo começa a produzir seus resultados, como a circulação da moeda, aumento

do consumo de bens e serviços, aumento da oferta de empregos e o aparecimento de empresas dedicadas ao setor (agências de viagens, hotéis, transportes etc.) (BARBOSA, 2005).

O primeiro componente da oferta turística é o recurso natural que satisfaz necessidades humanas. O fato de existir um elemento natural, não significa que há um recurso natural. É necessária a intervenção humana, qualquer que seja a dimensão, para lhe atribuir a capacidade de satisfazer necessidades. Torna-se necessária a construção de equipamentos que permitam o deslocamento (transportes, organização de viagens) e que assegurem a permanência (alojamentos, restaurantes). Sem estes equipamentos não existe atividade turística, apesar de poder haver deslocamentos, uma vez que o turismo se caracteriza pela transferência de divisas de um local (centro emissor) para o outro (centro receptor) (BARBOSA, 2005).

Atualmente, muitos governos interessados em promover o desenvolvimento veem no turismo um grande aliado. Assim, junto com empresários e outros agentes econômicos, assumem o discurso que coloca o desenvolvimento do turismo como grande alternativa de política econômica (BARBOSA, 2005).

3 METODOLOGIA

Este tópico é destinado à explicação dos recursos metodológicos que serão utilizados na confecção da pesquisa, destacando os critérios adotados.

3.1 MÉTODO, CLASSIFICAÇÃO E ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Para cumprir com o objetivo da pesquisa, o método de desenvolvimento assumirá caráter qualitativo, pois não se preocupará com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, segundo Tatiana Gerhardt e Denise Silveira da Universidade Federal do Rio do Grande do Sul (2009).

A sua classificação quanto aos fins será descritiva, como trazido por Gil (1998), a pesquisa com fins descritivos expõe características de uma população, levanta informações sobre cenários específicos e possibilita o estabelecimento de correlações, sem a intenção de explicar o que descreve.

3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização da pesquisa, serão feitas entrevistas estruturadas guiadas por questionário (ANEXO) com respostas objetivas. O objetivo é obter diferentes respostas à mesma pergunta, possibilitando que sejam comparadas. O entrevistador não tem liberdade (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Com essa estrutura, o pesquisador buscará identificar as opiniões de residentes e turistas a respeito dos benefícios que a despoluição da baía de Guanabara traria para o turismo. Inicialmente, a entrevista se concentrará na separação do respondente em residente ou turista. Em um segundo momento, buscará identificar o conhecimento de como a baía de Guanabara está hoje e como era utilizada no passado. Posteriormente, as perguntas buscarão identificar as opiniões sobre os benefícios que a despoluição traria para turismo.

As perguntas irão separar os respondentes em grupos maiores e grupos mais específicos para facilitar o processo de análise.

3.3 MÉTODO DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise tem como objetivo organizar os dados de forma que fique possível o fornecimento de respostas para o problema proposto (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). O método de análise

dos dados qualitativos será a Análise de Codificação e Tabulação. Será apresentada para os respondentes uma lista de possíveis benefícios da despoluição da baía de Guanabara com o objetivo de ranquear os benefícios que serão escolhidos com maior frequência.

Segundo Gil (2006), Codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados em símbolos que possam ser tabulados. Isso pode ocorrer antes ou após a coleta.

A precodificação ocorre frequentemente em levantamentos em que os questionários são constituídos por perguntas fechadas, cujas alternativas estão associadas a códigos impressos no próprio questionário (GIL, 2006).

Ainda segundo Gil (2006), a tabulação é o processo que consiste em agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise; ou seja, a tabulação simples consiste na simples contagem das frequências das categorias de cada conjunto.

4 RESULTADOS

Como informado na metodologia, a seção 1 começou separando os respondentes em residentes ou turistas.

Após a resposta, os residentes foram direcionados para a pergunta: “Em qual região você reside? (Alternativas: Zona Sul; Zona Norte; Zona Oeste e Baixada Fluminense)” e os turistas foram direcionados para a pergunta: “Em qual cidade você reside?” (única pergunta aberta do questionário).

Em seguida, buscou-se identificar o conhecimento sobre a atual situação da baía de Guanabara. Foram feitas 4 perguntas na seção 2: “Das 118 praias da baía de Guanabara anteriores ao processo de urbanização (ARAÚJO, 2021), quantas restaram?”; “Das 127 ilhas da baía de Guanabara anteriores ao processo de urbanização (ARAÚJO, 2021), quantas restaram?”; “Das 24 enseadas da baía de Guanabara anteriores ao processo de urbanização (ARAÚJO, 2021), quantas restaram?” e “Dos 132 km² de área de restinga anteriores ao processo de urbanização (ARAÚJO, 2021), quantos restaram?”.

Cada pergunta continha 4 alternativas: 90% da quantidade anterior à urbanização, 50% da quantidade, o valor exato e 10 % da quantidade. As alternativas foram expostas de maneira aleatória.

Na figura 1 extraída do livro *As Águas Encantadas da Baía de Guanabara* (BARBOSA; CUNHA; BARBOSA, 2021), pode-se ver as respostas dessas perguntas:



Figura 1: Passado e presente da baía em números (BARBOSA; CUNHA; BARBOSA. *As Águas Encantadas da Baía de Guanabara*. 2021)

As perguntas seguintes buscaram identificar o conhecimento de como a baía de Guanabara era utilizada no passado. Por conta do menor conhecimento sobre a cidade do Rio de Janeiro, os turistas ficaram de fora dessa seção. Foram feitas 3 perguntas na seção 3: “Você já frequentou alguma praia da baía de Guanabara? (Caso SIM, segue para terceira pergunta; caso NÃO, segue para segunda pergunta)”; “Você já teve vontade de frequentar alguma praia da baía de Guanabara? (Caso SIM, segue para terceira pergunta; caso NÃO, segue para seção 3)”. E, para finalizar essa seção, a terceira pergunta: “Quais dessas praias da baía de Guanabara você já frequentou ou teve vontade de frequentar? (Alternativas: Ilha do Governador, Urca, Glória, Ramos, Botafogo, Flamengo, Caju, Vermelha)”.

Por fim, na seção 4 foram trazidos os possíveis benefícios que a despoluição traria para o turismo, sendo solicitado que os respondentes assinalassem 3 alternativas dentre as 8 alternativas disponíveis: Crescimento do setor hoteleiro no entorno; Eventos esportivos; Pontos turísticos; Reabertura de praias da zona norte; Reabertura de praias da zona sul; Crescimento do setor gastronômico no entorno; Crescimento do transporte no entorno; Crescimento do transporte na baía.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

No total, 138 questionários foram respondidos.

Na primeira seção, 90 respondentes eram residentes e 48 respondentes eram turistas. Como pode ser visto percentualmente no gráfico abaixo:

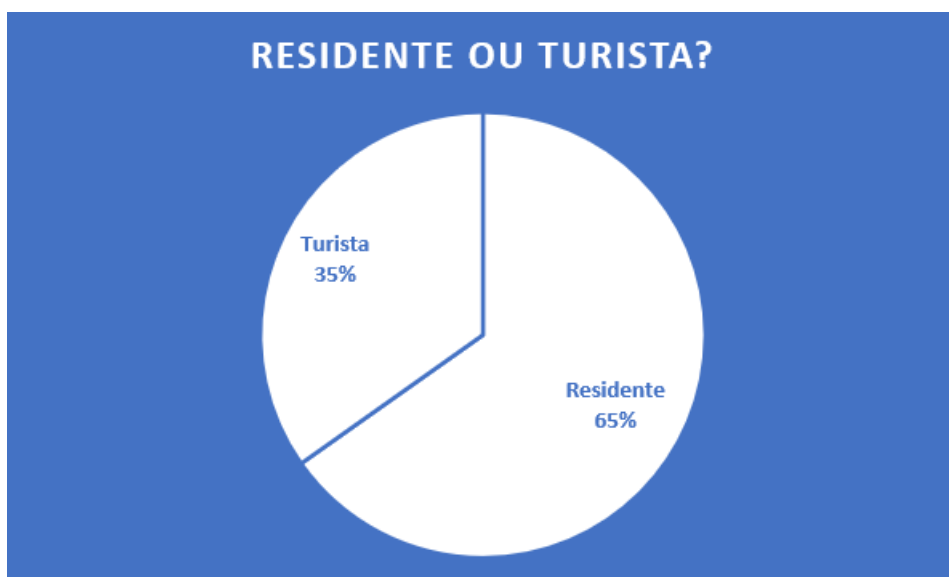


Gráfico 1: Residente ou Turista?

Dentre os residentes, 27 são da Zona Sul, 32 da Zona Norte, 19 da Zona Oeste e 12 da Baixada Fluminense. Como pode ser visto percentualmente no gráfico abaixo:

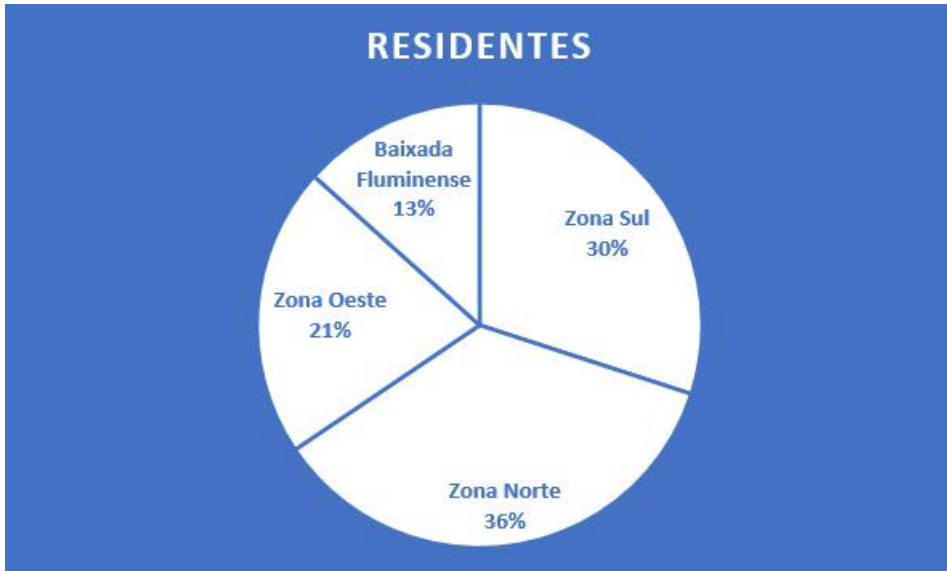


Gráfico 2: Região dos residentes

Dentre os turistas, 16 são de Salvador/BA, 5 de Camaçari/BA, 9 de Volta Redonda/RJ, 13 de São Paulo/SP e 5 de Juiz de Fora/MG. Como pode ser visto percentualmente no gráfico abaixo:

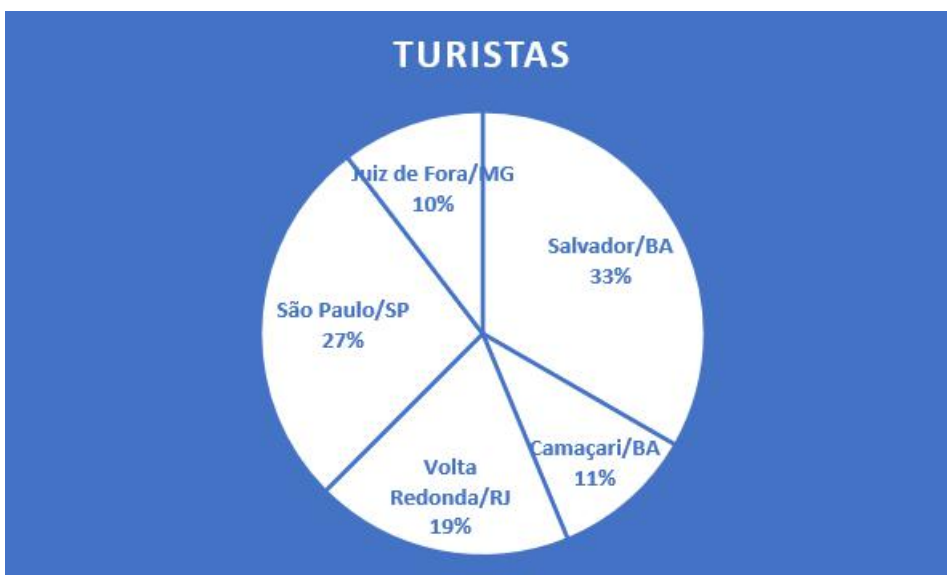


Gráfico 3: Cidade dos turistas

A segunda seção teve como objetivo medir o conhecimento sobre a atual situação da baía de Guanabara. As respostas dos residentes foram mais próximas dos valores

correspondentes a 10% da quantidade original de praias, ilhas, enseadas e área de restinga, enquanto as respostas dos turistas foram mais próximas dos valores correspondentes a 50% da quantidade original. Acredita-se que o convívio no dia a dia com a degradação da baía fez com que as respostas dos residentes fossem mais pessimistas do que as respostas dos turistas.

A terceira seção teve como objetivo identificar o conhecimento dos residentes sobre a utilização da baía de Guanabara no passado. Na pergunta final, “Quais dessas praias da baía de Guanabara você já frequentou ou teve vontade frequentar?”, as alternativas mais escolhidas foram Ramos, Caju, Botafogo e Flamengo, nessa ordem. Acredita-se que as praias de Ramos e do Caju foram as mais votadas por já terem sido muito frequentadas e carregarem a nostalgia das décadas passadas, enquanto as praias de Botafogo e do Flamengo foram bem votadas por serem pontos turísticos atuais do Rio de Janeiro que seriam potencializados com a despoluição da baía de Guanabara.

Por fim, na quarta seção, as 3 alternativas mais assinaladas foram a Reabertura das praias da zona norte, Pontos Turísticos e Crescimento do transporte no entorno da baía da Guanabara. Ao analisar esse resultado e o pilar econômico do tripé da sustentabilidade que a presente pesquisa se debruçou, entende-se que uma parte significativa do retorno financeiro da despoluição viria da valorização econômica do litoral da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro diversas vezes é listada como a mais visitada da América do Sul (EUROMONITOR, 2017). O fluxo de turistas na cidade é notável e o potencial de expansão das atividades turísticas também, visto a requalificação da região portuária através do projeto Porto Maravilha, responsável por movimentar a economia através de novos pontos turísticos em uma região que se encontrava abandonada.

Nesse sentido, a recuperação das praias da zona norte do Rio de Janeiro por si só demonstra ter um grande potencial turístico. Com isso, acredita-se que a presente pesquisa pode contribuir na priorização das etapas dos projetos de despoluição da baía de Guanabara, visto que os projetos têm custo alto e precisam de retorno financeiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Bernardo. Águas passadas: as histórias da Baía de Guanabara e suas transformações. 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/historia-baia-de-guanabara-livro>. Acesso em: 20/06/2023.

AVILA, Rafael. Triple Bottom Line: O Tripé da Sustentabilidade. 2021. Disponível em: https://sustentabilidadeagora.com.br/tripe-da-sustentabilidade-triple-bottom-line/#A_origem_do_Tripe_da_Sustentabilidade. Acesso em: 28/11/2022.

BAÍA URBANA. Direção: Ricardo Gomes. Produção de OceanPact. Brasil: Globo, 2017.

BARBOSA, Fabiana. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ou regional. Caminhos de Geografia 10(14)107-114, Fev/2005.

BARBOSA, J. CUNHA, D. BARBOSA, A. As águas encantadas da Baía de Guanabara. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2021.

BOFF, L. Crítica ao modelo-padrão de sustentabilidade. 2011. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2012/01/29/critica-ao-modelo-padrao-de-sustentabilidade/>. Acesso em: 23 set. 2022.

DIAS, B. C. O mito da sustentabilidade. 2010. Disponível em: <https://eacritica.wordpress.com/2010/04/28/o-mito-da-sustentabilidade/>. Acesso em: 23 set. 2022.

ELKINGTON, J. Triple bottom line revolution: reporting for the third millennium. Australian CPA, v. 69, p. 75, 1994.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 12.ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. Métodos de pesquisa. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUIMARÃES, Vanessa; BAHIENSE, Laura; INFANTE, Eduardo; ZAMBERLAN, Fabio. Elaboração e análise de indicadores sociais para o apoio à tomada de decisão no processo de despoluição da baía de Guanabara. Saude soc. 28 (2), Apr-Jun 2019.

MULTIRIO. A geografia do Rio antes de ser o Rio, Baía de Guanabara. 2021. Disponível em: <http://multirio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/48-a-geografia-do-rio-antes-de-ser-o-rio>. Acesso em: 16 set. 2022.

MULTIRIO. A fusão do estado da Guanabara ao estado do Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <http://multirio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/3365-a-fusao-do-estado-da-guanabara-ao-estado-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 16 set. 2022.

MULTIRIO. A baía de Guanabara – características. 2021. Disponível em: <http://multirio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/2395-a-baia-de-guanabara-caracteristicas>. Acesso em: 16 set. 2022.

OLIVEIRA, Lejeune. Poluição das Águas Marítimas. Estragos na Flora e Fauna do Rio de Janeiro. Junho, 1958.

OLIVEIRA, Lucas; MEDEIROS, Raffaella; TERRA, Pedro; QUELHAS, Osvaldo. Sustentabilidade: da evolução dos conceitos à implementação como estratégia nas organizações. Produção, v. 22, n. 1, p. 70-82, jan./fev. 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 23 set. 2022.

RICUPERO, Rubens; OLIVEIRA, Luís Valente de. A abertura dos Portos. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

SEIXAS FILHO, José Teixeira. Análise socioambiental da poluição por esgoto da Baía de Guanabara do Rio de Janeiro. Revista Valore, Volta Redonda; 2021.

TINOCO, Pedro. Poluição na Baía de Guanabara aumentou 75% desde a Rio2016. VEJA, 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/poluicao-baia-guanabara/>. Acesso em: 21 out. 2022.

VIEIRA, Marcio Viveiros. O programa de despoluição da Baía de Guanabara. Entraves institucionais e impactos territoriais na região metropolitana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, 2009.

WATTS, T. Sustentabilidade - um assalto à ciência econômica. 2009. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=540>. Acesso em: 23 set. 2022.

ANEXO

I. Questionário

Seção 1

- 1- Em relação à cidade do Rio de Janeiro, em qual alternativa você se encaixa?
 - A) Residente (direcionado para pergunta 2)
 - B) Turista (direcionado para pergunta 3)

- 2- Em qual região você reside?
 - A) Zona Oeste
 - B) Zona Norte
 - C) Zona Sul
 - D) Baixada Fluminense

- 3- Em qual cidade você reside? (pergunta aberta)

Seção 2

Essa seção tem como objetivo medir o seu conhecimento sobre a atual situação da baía de Guanabara.

- 1- Das 118 praias da baía de Guanabara anteriores ao processo de urbanização (ARAÚJO, 2021), quantas restaram?
 - A) 106
 - B) 59
 - C) 62
 - D) 12

- 2- Das 127 ilhas da baía de Guanabara anteriores ao processo de urbanização (ARAÚJO, 2021), quantas restaram?
 - A) 65
 - B) 13
 - C) 63
 - D) 114

- 3- Das 24 enseadas da baía de Guanabara anteriores ao processo de urbanização (ARAÚJO, 2021), quantas restaram?
- A) 2
 - B) 15
 - C) 12
 - D) 22
- 4- Dos 132 km² de área de restinga anteriores ao processo de urbanização (ARAÚJO, 2021), quantos restaram?
- A) 66 km²
 - B) 13 km²
 - C) 28 km²
 - D) 119 km²

Seção 3 (apenas residentes)

Essa seção tem como objetivo identificar o conhecimento sobre a utilização da baía de Guanabara no passado.

- 1- Você já frequentou alguma praia da baía de Guanabara?
- A) Sim (direcionado para pergunta 3)
 - B) Não (direcionado para pergunta 2)
- 2- Você já teve vontade de frequentar alguma praia da baía de Guanabara?
- A) Sim (direcionado para pergunta 3)
 - B) Não (direcionado para próxima seção)
- 3- Quais dessas praias da baía de Guanabara você já frequentou ou teve vontade frequentar?
- A) Ilha do Governador
 - B) Urca
 - C) Glória
 - D) Ramos
 - E) Botafogo

- F) Flamengo
- G) Caju
- H) Praia Vermelha

Seção 4

- 1- Dentre os possíveis benefícios, listados abaixo, que a despoluição da baía de Guanabara traria para o turismo, selecione três de sua preferência:
- A) Crescimento do setor hoteleiro no entorno
 - B) Eventos esportivos
 - C) Pontos turísticos
 - D) Reabertura de praias da Zona Norte
 - E) Reabertura de praias da Zona Sul
 - F) Crescimento do setor gastronômico no entorno
 - G) Crescimento do transporte no entorno
 - H) Crescimento do transporte na baía